

EDITORIAL

O PENSAMENTO ORIENTAL

Estamos de tal modo afeitos a ligar a filosofia ao Ocidente que sentimos dificuldade em falar dela em relação ao Oriente.

Como dizia Heidegger, esta palavra – FILOSOFIA – “é algo que pela primeira vez e antes de tudo caracteriza a existência do mundo grego”. Foram os gregos, em primeiro lugar, que colocaram o problema central da **ontologia**, que desenvolveram uma **lógica** como pressuposto e instrumento do pensar racional, que tematizaram o **ethos**, arrancando-o da empiricidade do senso comum para alçá-lo ao nível da racionalidade filosófica como **ética** ou ciência prática. Por isso, pensamos ordinariamente a filosofia como marca do Ocidente.

Assim concebida, não existe realmente uma filosofia oriental. No entanto é certo que no Oriente medrou um pensamento vigoroso que se dobrou reflexivamente sobre sua cultura, suas instituições, sobre o universo, sobre o homem, sobre a vida enfim, buscando o sentido profundo de todas essas realidades. Não estaríamos aqui no campo do mais genuíno pensar filosófico?

Os autores que apresentem, neste número de **Reflexão**, seus estudos sobre o pensamento oriental, dão uma resposta essencial a essa questão. Ajudam-nos a mergulhar no universo denso e misterioso de um pensamento que se traduz como **sabedoria**, como saber que tem o sabor das coisas de sua cultura, de seus costumes, de sua religião, de sua arte, de sua técnica. Aqui está a grandeza e a especificidade deste pensamento para o qual o caminho da sabedoria e da felicidade não está fora do homem, nas circunstâncias exteriores, mas dentro dele, no centro de seu **eu**. O homem centrado em si mesmo é aquele que sabe captar o sentido da vida no seu caráter dúctil e plasmável. Diz Laozi, o grande sábio e pensador chinês:

“O que parece grande e forte
Já está a caminho da decadência.
Mas o que é pequeno e plasmável,
Isto cresce”. (Tao te King, cap. 76).

Tal é o **caminho** do homem e o seu **curso**, "mistério que se renova no mistério, porta do total deslumbramento" (Laozi, **Tao te King**, cap. I).

O pensamento oriental, poético e místico ao mesmo tempo, desvenda-nos o sentido de um universo cuja beleza não captamos devidamente, porque demais habituados a vê-lo como mero objeto de uma práxis muitas vezes pobre e desumanizadora.

Grande parte dos artigos sobre o pensamento oriental publicados no presente número de **reflexão** foram produzidos no ensejo de um curso desenvolvido pelo Instituto de Filosofia da PUCCAMP sobre o tema no 2º semestre de 1988 (vide seção **Notícias**), o material foi produzido com tal abundância que permitirá a publicação de um outro número de revista sobre o mesmo assunto, a ser editado em 1989.

Este número de **Reflexão** esta, outrossim, prestando singela homenagem ao centenário da **Abolição** com três artigos que versam sobre a dignidade humana violada, sobre a escravidão e sobre a negritude. Na verdade os descendentes da raça negra, que construiu com seu suor e sangue a grandeza de nossa nação, podem contar-se entre os que continuam, pela discriminação patente ou larvada, sendo espezinhadados nos seus direitos fundamentais de homens livres e de cidadãos.

Assim do pensamento oriental à reflexão ética sobre a negritude e os direitos humanos nossa revista apresenta aos seus leitores matéria rica e diversificada de cultura e reflexão.

Valha este esforço como tentativa de abrir modesto espaço para um diálogo entre o Ocidente e o Oriente, contribuindo dessa forma para romper, um pouco pelo menos, o orgulhoso isolamento do Ocidente que se acostumou, pelo descomedimento de sua razão, a considerar-se o centro da cultura e da civilização.

Cabe assinalar que registramos no expediente do presente número a criação do CONSELHO DE CORRESPONDENTES, composto por pensadores e autores eminentes que, no Brasil ou no Exterior, têm contribuído significativamente com a Revista **Reflexão** enviando ou encaminhando colaborações ou estimulando a atividade de intercâmbio e a quem a Direção da Revista agradece tão elevada honra.

A Redação